

ENTREVISTA PROF. ARYON D. RODRIGUES

1. Nesses dois séculos da Imprensa no Brasil (1808 – 2008) como o senhor avalia a importância da Imprensa para a formação da Língua Portuguesa?

A imprensa, na medida em que foi estabelecendo-se, deve ter contribuído para a disseminação da língua escrita e para consolidação do hábito de leitura e, portanto, para a redução do analfabetismo funcional, pois em muitas partes e por muito tempo, os jornais foram as únicas publicações acessíveis a quem se alfabetizava. Além disso, penetrando em localidades interioranas, os jornais levavam não só notícias, mas também usos lingüísticos da capital do país ou das capitais das províncias e contribuía, pouco a pouco, para o estabelecimento de uma *koiné*, isto é, de uma língua comum menos diferenciada regionalmente, em ação paralela à que exercia o ensino escolar.

2. O Brasil é um país multilíngüe. Essa pluralidade seria uma das singularidades do nosso país?

A pluralidade lingüística é uma característica importante do Brasil, mas, em si mesma, não faz dele um caso singular, pois há muitos outros países tanto aqui nas Américas, como na Europa, na África, na Ásia e na Oceania também plurilíngües, em menor ou em maior proporção. O Brasil, porém,

é singular em vista de algumas características mais particulares: (1) o processo colonizador a que têm estado sujeitos os povos indígenas por mais de quatro séculos já ocasionou a extinção de 85% das línguas indígenas, reduzindo seu número de cerca de 1200 às cerca de 180 existentes hoje (essa extinção correspondeu, na imensa maioria dos casos, à extinção dos respectivos povos); (2) já no século XVI, mas, sobretudo no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX, foram introduzidos grandes contingentes de falantes de muitas línguas africanas, das quais algumas sobreviviam ainda no início do século XX, mas agora já estão todas mortas no Brasil; (3) a partir de 1825 passaram a ser introduzidas outras línguas européias e línguas asiáticas com as levas de imigrantes estimuladas pelos governos imperial e republicano, a maioria das quais, pouco mais de 20, continua sendo falada em várias áreas do país; (4) ao todo hoje são faladas no Brasil cerca de 200 línguas, uma das quais, o Português, é maciçamente majoritária (pouco mais de 99% da população, além de ser a segunda língua das minorias étnicas) e todas as demais são infimamente minoritárias, sendo a mais falada destas a japonesa; (5) só recentemente, no final do século XX e início do XXI, o governo brasileiro tem começado a reconhecer os direitos lingüísticos de suas minorias étnicas, mas anteriormente a postura oficial oscilou entre a ignorância e a proibição; (6) as línguas indígenas, que constituem de longe a maioria dos idiomas brasileiros, apesar da drástica redução numérica sofrida, caracterizam o nosso país como uma das regiões de maior diversidade lingüística genética no mundo, com seus idiomas filiados a mais de vinte famílias genéticas (note-se, em contraste, que línguas como o Português, o Francês, o Inglês, o Alemão, o Polonês, o Russo e o Grego pertencem a uma só família genética).

Convém lembrar que, do início do século XVII até a metade do XVIII, o que hoje é o Brasil eram duas colônias de Portugal, uma tratada então como Estado do Brasil, com sede administrativa em Salvador, BA, e a outra chamada Estado do (Maranhão) e Grão Pará, com sede administrativa em Belém, PA. As administrações de ambas eram independentes entre si, cada uma subordinada diretamente a Lisboa. No Estado do Brasil, que se estendia do Piauí para o leste e para o sul, sobretudo ao longo do litoral, onde a maioria de população indígena foi afugentada ou exterminada, a língua dominante passou a ser a portuguesa, ao passo que no Estado do Grão Pará, que se estendeu do Maranhão para o Pará e foi-se dilatando mais para o oeste, na medida em que avançava a conquista portuguesa da

Amazônia, o idioma predominante foi a Língua Geral Amazônica, que se desenvolveu a partir da língua indígena Tupinambá falada pelos filhos de mães indígenas e pais portugueses, os mamelucos ou caboclos amazônicos. Esta língua predominou entre a população cabocla da Amazônia até o meio do século XIX e ainda hoje é falada no noroeste do Estado do Amazonas, onde é conhecida também sob o nome Nheengatú.

3. Sabe-se que os componentes de uma língua mudam no curso do tempo devido a mudanças na cultura e organização social do povo que a fala. Qual a atuação da Imprensa nessas mudanças?

A imprensa usa predominantemente uma variedade de língua escrita bastante uniforme, sobretudo a imprensa diária, o que deve contribuir para a maior divulgação dessa variedade nas diversas regiões onde os jornais penetram e para o nivelamento de diferenças regionais. Mas, como toda escrita, o uso lingüístico da imprensa é em geral bastante conservador, não podendo contribuir para inovações a não ser na divulgação de algumas expressões que, em geral, nascem na língua falada do ambiente em que vive o jornalista.

4. No artigo “A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras”, o senhor afirma que “qualquer língua opera com unidades de forma e significado e com regras de combinação dessas unidades”. Pode-se afirmar que a Imprensa tenha influenciado e/ou alterado essas unidades?

Não. Como eu disse acima, os jornalistas tendem a usar uma forma bastante conservadora da língua, de modo que a influência maior que a imprensa pode ter é na disseminação de certas formas e significados, mas não em sua alteração.